

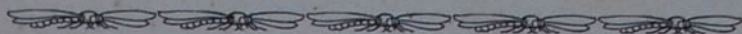
Lyrœ Carmen

Brant Horta.





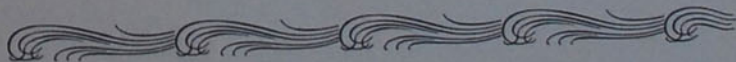




A MEUS PAES

E A

MINHA ESPOSA D'ALMA







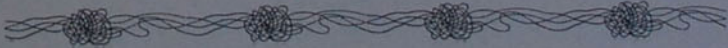
A

FRANCISCO LINS

BELMIRO BRAGA

E

J. PAIXÃO





A ARTE

(Th. Gauthier)

*Mais bella a obra, quanto mais torço
A fôrma, onde resalte
O esforço:
Verso, marmore, onisco, esmalte.*

*Foge de contrafeitos realces!
Si andar, porém, queres, direito,
Que calces,
Musa, um cothurno estreito.*

*Apage ao rythmo frouxo, á norma,
Qual um sapato grande,
De fôrma
Que, dentro, o pé ande e desande.*

*Si, longe, o espirito vacilla
Incerto, estatuario, rechassa
A argilla
Que o pollegar amassa.*

Lucta com o Paros — pedra rara.
Recorta o rijo e duro
Carrara:
— Os guardas do contorno puro.

A Siracusa toma o suave
Bronze, por sobre o qual mais vivo
Se grave
O traço bello e altivo.

E, traços firmes e mão leve,
Num veio corallineo
Descreve
O perfil do deus Apollineo.

Foge, pintor, foge á aguarella.
Antes fixa a côr, em adorno,
Singella,
Do esmaltador no forno.

Tudo morre. Sómente (e é justo)
Á arte — a immortalidade:
O busto,
Sempre, sobrevive á cidade.

E a medalha de ferro ou cobre
Que o lavrador, dentro da terra,
Descobre,
Em si um reino encerra.

*Os propios deuses não resistem!
Versos, porém, supernos,
 Subsistem,
Que o bronze mais fortes e eternos.*

*Cinzela, esculpe, torce, lima,
E que teu vago sonho de oiro
 Se imprima
No blóco immorredoiro.*










TORRES NO VENTO

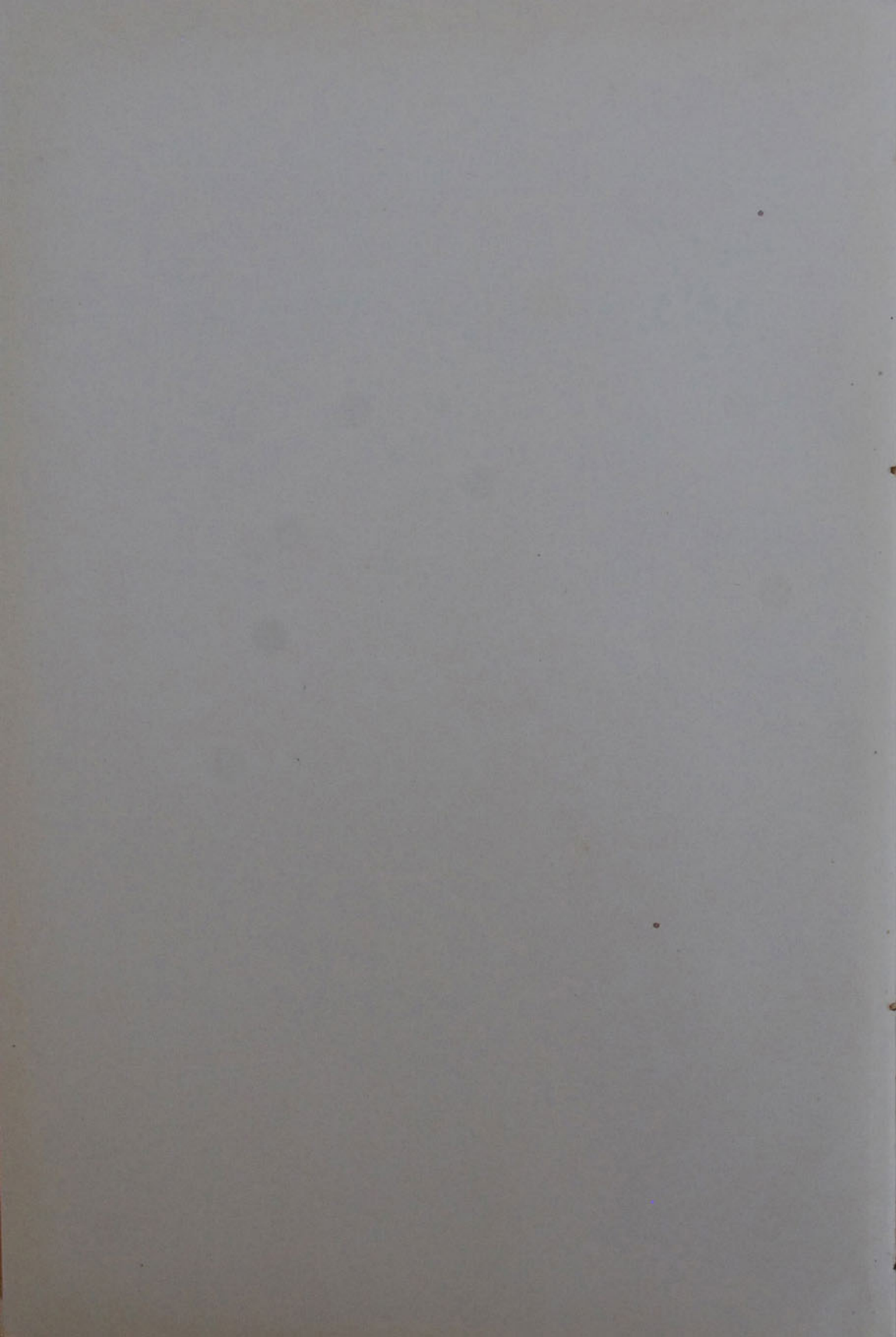
a

Francisco da Costa Araujo

e a

Luiz de Oliveira







TORRES NO VENTO

As altas torres que fundei no vento
Levou emfim o vento que as sustinha.

Camões.

Eil-a, a cidade nebulosa e leve,
Terra do Sonho, paiz immorreidoiro,
Onde cada edificio é um monumento.
Região que se não vê e que não se descreve,
Cheia de torres, de palacios de oiro,
—Meu Pensamento!

Torres fluctuantes de um luar que expira
Erguem-se alli, veladas pelas brumas:
Torres de neve e torres vaporosas,
Torres de verde-mar, torres de azul saphyra,
Torres cobertas de rubis e plumas,
Lirios e rosas.

Palacios de chrysolithas, de opalas,
De corindons, de onix, de nocturnos
Clarões e claros sóes! Torres e labyrinthos

Na grande confusão de camaras e salas,
E castellos que têm, como taburnos,
Doirados plinthos.

Busquemos hoje esse paiz ethereo...
Entremos pela magica cidade,
Que entre nuvens e estrellas se vislumbra.
Alli—tudo indistincto, alli—tudo mysterio,
Tudo envolto na frouxa claridade
De uma penumbra!

Esta que se ergue da cidade ás portas,
—Eburnea torre, de marfim tirado
Aos velhos pachidermes, é a divisa
De uma saudade extranha e ideal de cousas mortas,
De antigos tempos—turbido passado,
Sombra indecisa.

Esta, de verde-mar, que se levanta
Sobre aureo pedestal; esta, vermelha,
De rubis, toda em flammulas, garrida:
E esta, de neve—são a imagem sacrosanta
De floreas illusões, onde se espelha
A minha vida.

Torre de azul celeste, que se avista
Por sobre nuvens diaphanas, suspensa!
Torre siderea, vaporosa e pura,
E' o symbolo sagrado, o sonho symbolista,
Desta Imaginação toda propensa
Para a loucura.

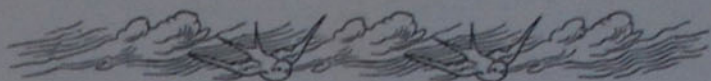
Torres que se erguem, fulgidas, no centro
Da região das brumas e do Sonho!
Torres de arminho e perolas... ao vel-as,
Vejo o emblema do amor em que a vida concentro,
Amor eterno, sobre o qual transponho
Mundos de estrellas.

Já rutilante e bella, já sombria,
Cheia de auroras e de céos nevoentos,
Terra de encantos, de aparente calma,
De torres onde paira, insana, a phantasia!
Eis de meu Pensamento os pensamentos,
Eil-a, a minha alma.

E neste solo, todo de contraste,
De torres, de palacios, de chimera,
De penumbra e de sombra, ó Luz bemdita,
Scintillas como um Sol que entre nuvens se engaste,
Sol rutilo, immortal, que transverbera
Graça infinita.

E neste paiz ethereo, immorredoiro,
Região de nevoas sideraes e brumas,
Palacios verdes, torres vaporosas,
Eterna Castellã, destes castellos de oiro
Vives e viverás por entre plumas,
Lirios e rosas.





DUAS SOMBRAS

Noite serena. Pelos campos vírides
E sobre a cupula das arvores
Paíra o luar!

Adejam, pelo azul, astros—gaivotas rutilas,
E o firmamento luminoso e limpido
É mar

Onde vive minha alma a navegar.

Dos florídos rosaes, das veigas proximas
Traz, ao de leve, o brando zephiro
Doce olor.

Brisa e aroma do céu, da terra e cousas candidas,
Como que envolve á natureza esplendida
O amor,

—Creação mais subtil do Creador.

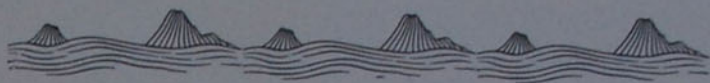
Dentro da noite perfumosa e tepida,
Passam, vestidas de alvas tunicas
Feitas de luz,

Duas sombras gentis, duas visões sidericas,
Um Sonho em duas fórmas, Sonho diaphano,
Que, a flux,
Sonhos de uma outra vida reproduz.

É minha Musa vaporosa, angelica,
E o Pensamento, a Idéa vívida,
Immaterial,
Que, de mãos dadas, vão pelas campinas róridas,
Em procura, talvez dos aureos terminos,
Do Ideal,
Do paiz do Amor, onde não reina o Mal.

São elles que ora vagam pelos flóridos,
Verdes vergeis, buscando os páramos
Da perfeição.
Meu Pensamento, assim corporisado, lucido,
Que passa como um Sonho e a Musa lepida,
Que, em vão,
Me desalenta e punge o coração.





INSANIA

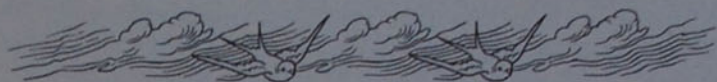
Thema—real Condor. Verso—ruivo Leopardo,
Para a jaula immortal de oiro e bronze da Fórma.
Tigre de ventre fulvo, aguia de dorso pardo!
Duplo ser que esta vida em sangue e luz transforma.

Idéa—flor hostile. Verso—estramonio ou cardo,
Para o vaso de onisco—a resplendente Norma,
Onde brilha e resalta em relevo galhardo
De Apollo o vulto ideal que as Artes uniforma.

Mancenilha ou estramonio, hei de em vossas redomas
Sentir a embriaguez de todos os aromas,
Ou, bebendo-os, cahir envenenado e langue...

Aguia, Condor, Leopardo ou Tigre, hei de vencer-vos
E as garras vos quebrar com a força de meus nervos,
Ou na arena rolar, morto, esvabido em sangue!





REGINA CARMINIS

(a Almeida Queiroz)

Na terra azul dos sonhos, das phantasticas
E aureas visões, com que a existencia doiro,
Quando sinto escaldar-me em fogo o cerebro,

Existe um paço de luzente porphyro,
Com torreões de opala e alcovas de oiro,
Cobertas de rubís, coraes e perolas.

Lá, onde, noite e dia, doce balsamo
Fumega, e tângem threnos arrabis
Chorosos, flautas, crotalos e cytharas,

Habita a mais formosa, a mais romantica,
A mais gentil de todas as gentis
Visões da terra azul dos sonhos mysticos.

Veste-lhe as fórmas a mais rica purpura...
Um diadema de estrellas, em adorno,
Cíngelhe a fronte immorredoira e candida.

Cantam-lhe em còro as Graças mythologicas,
E as Artes todas, desfilando em torno,
Queimam-lhe incensos em tafues thuribulos.

Cantam á fina flor da musa, votam-lhe
Culto santo, febris adorações !
Cantam á Fórma, á encarnação da Esthetica,

Que sobre um throno de saphyras rutilas,
Serena resplandece entre as visões
Gentis da terra azul dos sonhos mysticos.

Ella não tem a carnação esplendida
Dessa, de Milo, Venus opulenta,
Braços cortados para o amor edenico.

Não tem o aspecto magistral, o rigido
Porte da deusa Athene, que se ostenta,
Divina e bella no lavor do marmore.

E' crystallina Apparição symbolica,
Tendo a feitura de um botão de flor,
De um pequeno botão de rosa rubida.

Um Ser todo ideal, todo chimerico,
Feito de luz purissima, de amor,
Para o Bello immortal, distincto e harmonico.

E nesse paço mysterioso, olympico,
Onde do verso de oiro a essencia pura
Habita, entre as gentis visões seraphicas,

Meu Pensamento, muita vez, extatico,
Vae prostrar-se ante a limpida figura
Da deusa Fórma — sonho que fulgura
Na grande terra azul dos sonhos mysticos!





RARA AVIS

(a Lindolpho Gomes)

Passaro extranho, a liberdade cedo
A's tuas azas! Foge, despedaça
As rudes péas da materia crassa,
Em busca de mais viride silvedo.

Vamos! Ascende aos ares! O segredo
Dos espaços interminos devassa!
Corre de estrella a estrella, toda a massa,
Do universo, degredo por degredo.

Desprende o vôo, as azas não reprimas,
Sóbe, que, após voltares, o thesoiro
Trazendo de outros céos e de outros climas,

Hei de, ó passaro ethereo, immorredoiro,
Tecer-te um ninho de doiradas rimas
No florido rosal do verso de oiro.





O CYSNE

(a Antonio Salles)

I

Por uma vez, na primavera
Dos annos, cheio da chimera
Da vida, acompanhando uma visão fugaz,
Tentei a rosea travessia
Dos alcantis da phantasia,
Em busca do paiz da Ventura e da Paz.

II

Rompi campinas e florestas
De parasitas e giestas.
Passei pelos jardins das sensações em flor.
E um dia, enfim, sobre um planalto
Que se estendia, longe, no alto
De uma serra, parei junto ao bosque do Amor.

III

E o bosque entrei, preso de espanto!
Via-se, alli, de canto a canto,

Dos passaros do sonho a multidão taful.

Longe do humano sorvedoiro,
Alli, vogavam cysnes de oiro,

Na calma limpidez de um grande lago azul.

IV

Fluiam da terra florescente,
Ora uma rutila torrente,

Ora densas caudaes de liquido crystal.

E, bemfazejo, sobre o solo
Onde habitava o deus Apollo,

Cahia o immenso véo da primavera austral.

V

Alli, brilhando como o orvalho
Que treme e cae de galho em galho,

As perolas do amor derramavam-se a flux:

Por sobre o solo, tão propicio
Ao Bem, não se depunha o vicio...

Era a terra da Crença, era a terra da Luz!

VI

Foi nesse bosque, assim tão bello,
Que edifiquei o meu castello
Com barbacans de luz e torres de luar.
Mezes e mezes, annos e annos,
Andei tecendo os desenganos
Nesse rubro paiz dos Sonhos, a cantar.

VII

Um dia, emtanto, a mão de gelo
Do inverno, como um pesadelo,
Sobre o bosque poisou, rigida, rude e hostil.
E, assim, finou-se ao inverno infando,
Dos cysnes de oiro o celeo bando,
E das aves do sonho a multidão febril.

VIII

Tudo cahio, tudo! Finou-se
A crença, o amor, a luz tão doce.
Aos ventos hibernaes tudo acabára assim.
E, agora, sobre o azul do lago,
Deslisa, a sós, triste e presago,
Negro cysne da côr extranha do Nankin.

.....

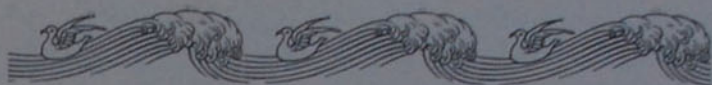
E creio então, neste momento,
Que a tal visão é o pensamento,
O bosque — a mocidade, aves — inspirações,
A serra — a vida, o lago em calma
— O liso espelho de minha alma,
E os cysnes flavos, de oiro — as aureas illusões.

*
* *

Passou-se o tempo, veio o inverno.
Em vez do tepido galerno,
Trouxe apenas comsigo os rudes temporaes.
E trouxe a neve, e trouxe a bruma,
E destruiu, uma por uma,
As minhas illusões — os cysnes virginaes.

Desmoronou-se o meu castello,
Tão rico e rutilo e tão bello,
Com barbacans de luz e torres de luar...
E o cysne, sobre a face lisa
Do lago, é a lugubre divisa
De uma saudade atroz, que nunca ha de findar!





AZUL

(a Noutel Brant)

A luz... o som... a côr... esplendida trindade,
Que os ouvidos encanta e os olhos me seduz.
Não sei que sensação do além, da immensidade,
Me inspira cada qual — a côr... o som... a luz...

A luz — centro vital, bussola da consciencia,
Gloria eterna do Eterno! A luz, nos raios seus,
Arrebata-me o Ser, conduz a minha essencia
Do indefinivel — alma, ao indefinito — Deus.

O som — a voz da luz, força que me inebria,
É o mysterio a falar... o veio conductor
Do pensamento á luz, a fonte da harmonia,
O que ha de mais subtil — o espirito da côr.

A côr — irmã da luz. Em cada qual descubro
Um symbolo sagrado, um mysterio talvez...
A violeta é a saudade, o verde — a vida, o rubro
— A pompa, o negro — a dor, a alvura — a candidez.

Destas côres, porém, a que me obumbra e acalma,
E me exalça a um paiz do qual me creio exul,
Paiz extranho — a côr que deve ser a da alma
Do innocente, do bom, do justo — é a côr azul.

Por isso, Bereniz, de momento a momento
Pelo correr do livro a côr azul verás,
Clareando-o como aclara ao calmo firmamento...
Que a paz, ó flor, é azul, e eu quero e adoro a Paz.





MONTANHA AZUL

(a Amanajós de Araujo)

I

Distante, para o sul,
Leguas e leguas — deste, onde me sento,
A ver valles e montes, alto pincaro,

Como que ao firmamento
Assoberbando, envolta em brancos flocculos,
Ergue-se a tropical montanha azul.

Para lá, muita vez,
Leguas, leguas vencendo, a phantasia
— Chamma que doira a minha vida, rapida,

Radiante se extravía,
Envolvendo a montanha em nevoas candidas
E minha alma n'um mar de embriagez.

II

A' serra azul (quem diz
É a lenda, aqui, da gente rude e boa,
Que mal conhece aquelle sitio incognito)

A' serra azul, povôa,
Em grutas de crystal, chusma phantastica
De satyros, de genios e de huris.

É ella a habitação,
Dizem todos, de ethereos djins, de fadas
E de alados e trefegos espiritos.

Alli, das encantadas
Grutas, daquelles bosques, surgem lepidos
Gnomos, nymphas, em bando folgazão.

Quando rompe a manhã
E acceso o sol as sombras illumina,
Dizem que a serra brilha em chammas rútilas

E, leve, crystallina,
Sobe da terra ao céu dentro de tunicas
Branças de neve, a multidão pagã.

E da noite ao esplendor,
Noite que sobre a terra estende o manto
Cravejado de estrellas e astros fulgidos,

A serra é toda encanto:
Elfos e sylphos, á feição de passaros,
Voam — pingos de luz, de flor a flor.

Assim, a lenda. Assim,
Da gente rude a mais singella crença
Sobre a montanha. Assim, radiosa, esplendida,

Fulgura a serra immensa!
E assim tambem a vejo agora, extatico,
Qual um mundo encantado para mim.

III

Eil-a, ao purpurejar
Do sol que morre e á claridade extranha,
A' doce luz do vesperal crepusculo!

Eil-a, a grande montanha,
Toda immersa n'um manto azul e mystico,
A seduzir-me o pensamento e o olhar,

Que, longe, para o sul,
Leguas e leguas deste, onde me sento,
A ver valles e montes, alto pincaro,

Como que ao firmamento,
Subindo, sob um véo de nuvens cerulas,
Brilha no espaço como um sonho azul!





ORBIS COELI

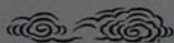
(a Alipio Peres)

Minha alma é um firmamento azul, em cuja altura
Giram planetas mil no eterno torvelim...
E cada sentimento, um astro que fulgura
Com os satellites seus pela amplidão sem fim.

A Crença é a lua ideal da Terra—Desventura,
Neptuno—a Phantasia, e Marte é para mim
O planeta—Desejo... E a de mais formosura,
Venus, eil-a, a Razão, a Consciencia, emfim.

Mercurio—esta ambição de gloria, que me invade.
Saturno—as más paixões. Urano—astro Saudade,
E Jupiter, meu sonho—a Arte em todo o esplendor.

E a estrella que os conduz, pelo páramo ethereo,
Para a Constellação do Abysmo e do Mysterio,
—Centro e luz da existencia, é o grande sol—o Amor!





SONHO AZUL

(a Alberto Parreiras Horta)

Chimera... espuma... sombra... nuvem... sonho
Que sonho quando a vida me vae calma.
Sonho azul, para o qual ergo e transponho,
Por tramites de luz, toda minha alma.

Um mundo que não este, uma outra esphera,
Visão... saphyra immensa, estrella azul,
Por onde brilha eterna primavera,
E, em astros de oiro, o céo, de norte a sul.

Mundo sem odios, sem paixões— Bonança...
Terra em que a paz, como um luar albente,
Sobre as almas purissimas descança
Eternamente, luminosamente.

Terra azul! Terra azul por onde passa,
Cantando e refulgindo, no esplendor
Do azul, o rio rutilo da Graça,
Que se lança no eterno mar do Amor.

Sonho... nuvem... chimera... sombra... espuma...
Terra extranha, sem dores, sem tristeza...
Terra, em que tudo é goso, e onde perfuma
A vida o nivio aroma da Pureza.

Sonho... nuvem por onde, a flux, dimana
A fonte sempre viva do Perdão.
Onde o ar é fóрма, e a luz—essencia humana,
E a alma da terra—um grande Coração.

Chimera... sombra... oh! quando, minha Amada,
As portas da outra vida transpuzeres,
Serás na terra azul a mais sagrada
E a mais feliz de todas as mulheres.

Porque... quem ama com esse amor profundo
Que me votas, não deixa a terra, sem
Que do amor tenha o premio nesse mundo
Azul, que fica além... além... além...

Astro de luz, em que palpita e canta
Dos archanjos a fulgida Cohorte!
Sonho Azul... phantasia... terra santa...
Onde irei descançar depois da morte!





SURSUM VERSUM

(a Humboldt Fontainha)

Do Sol, minha alma, busca os raios pela chroma
Luminosa do prisma—azul, jalde, encarnado,
Anil, verde, lilaz, côr de laranja—e toma
Do prisma luminoso o tom mais delicado.

Busca o mais leve som, colhe o mais doce aroma,
Que guarde na corolla a bonina do prado...
E o aroma, a côr, o som, dentro de uma redoma
De luz, tudo se torne, assim, corporizado!

E, si podes formar o Ser que não defino,
Que se corporifique o sonho crystallino,
Reflectindo em seu todo o sol da eterna Aurora.

E, então, quer seja luz, flor, cadencia ou creatura,
Cante a Fôrma subtil da etherea Formosura,
Erga-se vivo o Ideal que a mente me devora!





OS BARDOS

(a Justino Carneiro
Mario Nogueira
Cincinnato Bicalho
Francisco Bicalho
Raul Carneiro)

Eil-os que vêm, os ternos trovadores,
Violões, violinos, flautas, bandolins,
Pelas ruas tangendo entre rumores.
Esplendido luar! Todos do bando,
Com chapéus desabados, aladins
De capas pelos hombros, vêm cantando.

São magicos. Alli cada instrumento,
Tem a virtude da fascinação,
O extatico poder do encantamento.
Eil-os que vêm, ferindo corda a corda...
Todo o bairro desperta, e uma impressão
Nova e diversa em cada mente accorda.

Vão-se crystallizando pelo Espaço
Ondas de sons e luz, em torvelim.
Uma creança accorda em seu regaço,
Treme uma noiva, um sonhador desvaira...
Este, infeliz, se enleva, e aquelle, emfim,
Da Patria exul, sobre outros mundos para.

O sonhador desperta, e, alma divina,
Prompta sempre a sentir, viver, cantar,
Aos sons de leve e mystica surdina,
Num batel côr de rosa, docemente,
Pelas tremulas ondas do luar,
O pensamento ao céu subindo sente.

Este... infeliz, se enleva. Escuta... sonha...
E transporta-se a um reino todo ideal,
Onde a vida é mais limpida e risonha:
—Um reino todo ideal... talvez uma ilha
Phantastica, de rosa ou de coral,
Onde tudo é fulgor e maravilha.

Eil-os que vêm cantando... Esta desperta,
Tremula, a soluçar—noiva feliz,
Alma innocente, de illusões coberta.
Desperta e sente tudo o que deseja...
Sente que vae com perolas, rubís,
E capella de flores, para a egreja.

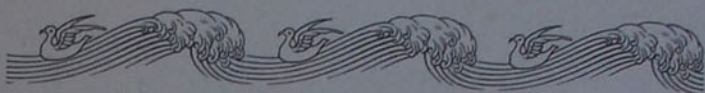
Uma creança accorda e phantasia
Aos divinaes e derradeiros sons
Da encantadora e dulcida harmonia,
Que são almas edenicás, de vestes
Luminosas e brancas—genios bons,
Que estão cantando nas regiões celestes...

E os bardos vêm seguindo, vêm tangendo
Os instrumentos, todos de uma vez,
Em ascendente e limpido crescendo...

Que valsa! que harmonia em cada nota!
Que musica! que sons! que embriaguez!
Que sentimento e que saudade ignota!...

O bando se approxima! E, em goso infindo
Me arreбата... e a sonhar, minh'alma exul,
Desprende-se da terra e vae subindo,
E vae subindo pela rota immensa,
Em procura da grande Esphera azul
Da paz, da luz, do bem, do amor, da crença!





HARMONIAS DE BEAUQUITTE

(ao dr. Francisco Brant)

Manhã!

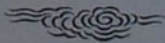
Sobre o campo que dorme e a selva que desperta,
De roseo tom de carne em plena juventude,
Alva sorrindo treme, e faz-se ouvir incerta
Canção pelo ar subtil, de óboes e fruta rude.

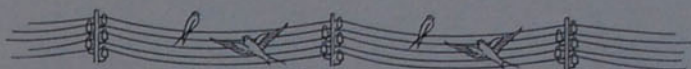
Dia!

Dardeja o sol, do céu no immenso e claro manto.
Pendem, do prado em flor, as flores. Das cigarras
Estridulas, vencendo o agudo e aspero canto,
Escuta-se o clangor das vozes das fanfarras.

Noite!

Pallido e frio, o sol morre num céu sem vida,
E no horizonte infindo, ao longe, ouve-se* agora,
Na agonia da tarde, uma canção dorida,
O dolorido adeus de um violão que chora.





RITORNELLO

(FRANÇOIS COPPÉE)

(ao dr. Agostinho Pereira)

Para melhor o mez das flores acolhermos,
Iremos nós buscar as vaporosas cousas,
Por floridos vergeis e desfloridos ermos:
Eu, estrophes, e tu, doiradas mariposas.

Havemos de escolher caminhos verdejantes,
Por entre roseiraes de perfumes suaves.
Para ouvirmos melhor as cousas mais cantantes:
Eu, a doce cadencia, e tu, gorgeios de aves.

Aos beijos, percorrendo as margens encantadas
De um rio que derrame as aguas em rumores,
Iremos procurar as cousas perfumadas:
Eu, versos burilando, e tu, colhendo flores.

E assim, nos transportando o amor á phantasia,
Esse dia encherá de encantos e de goso.
Eu serei o poeta, e serás a poesia:
Tu, mais bella e gentil, eu, mais terno e amoroso.





AUREA-VERBENA

(a Heitor Guimarães)

I

Bella-Esperança, hoje paragem rustica
Onde viçam balsáminas, cheirosas
Balsas, pampanos vírides, campanulas.

Sítio ameno, de veigas perfumosas,
De angelicas, de anemonas louças,
Sensitivas, ranunculos e rosas.

Sítio onde se ergue, de entre barbacans
De bronze, com vitraes e ogivas gothicas,
O castello da Flor das castellãs.

Sítio de aléas de papoilas rubidas,
De bosques, de myrthas, onde, serena,
Se estende uma lagoa immensa e limpida.

Bella-Esperança, na região amena
Dos pampanos, das rosas e myrthas,
Fôra outr'ora o solar de Aurea-Verbena,
De Aurea-Verbena — o ideal dos ideaes.

II

Aurea-Verbena, a seductora, a candida
Solarenga dos olhos côr de anil,
Cabellos de oiro e fina tez de marmore...

Alva-açucena, ser quasi chimerico,
De magico viver, é a mais gentil,
A mais ideal das solarengas pristinas.

Aurea-Verbena, a hysterica nostalgica,
De embriagante e languoroso olhar,
Deste poema é a personagem mystica,
A flor da languidez que vou cantar.

III

Na quadra rosea da existencia em flor,
Ao abrir do sonho a flor de oiro, phantastica,
Que aroma e adorna as illusões do amor,

Aurea-Verbena, a joven castellã,
Ficára só no mundo, sem o tepido
Conforto de seus paes, de irmão, de irmã.

Orphã de amor, a branca Flor de Liz
Vivêra só nesse logar poetico,
E até lacaios de libré não quiz.

E assim passára pela vida, a sós,
— A solarenga pallida e romantica,
No Castello que herdou de seus avós.

IV

O fundo da lagoa
E os bosques, e os myrthaes, bando de espiritos
Povôa...

Sylphos, elfos e ondinas
De tranças de oiro e luz, de fórmãs diaphanas
E finas...

Cysnes — nocturnas rondas
Que vogam pelo espaço melancholico
Das ondas!

Contam que, outr'ora, um bello
Ondino entrava, á noite, as portas do hispido
Castello.

Que ondinas e napéas
Bailavam junctas, pelo bosque, magicas
Choréas.

Emquanto, lindas fadas,
De branco, á luz do luar, entoavam feericas
Balladas.

Contam... Porém, o certo,
Diz a legenda, é que naquelle páramo
Deserto,

O genio da magia
Entre de luz sidericas chrysallidas,
Vivia.

Que era Bella-Esperança
O solar de Giannina — a flor que immacula
Descança,

Na lagoa maldicta
N'um palacio de lucidas chrysolitas,
Em que bando de espiritos habita.

.....

V

Dizem: — Giannina, a meiga, a branca flor seraphica,
Rendia um culto extranho ao genio de Ariel.

E o espirito, fiel
Aos sons de sua voz, o mando obedecia-lhe.

Em seu castello, a sós, naquella vida ascetica,
Filha da phantasia e de Arimane a escrava,
Giannina se encantava
Por ondinas e djins, elfos, fadas e sylphides...

Uma noite, ao luar, um genio cabalístico
Da lagoa surgio transfigurado em luz,
E comsigo conduz
O bando magistral dos fulgidos espiritos.

Entra o castello e vae directamente á camara
Dessa que, a sós, evoca o mundo da Chimera
E tudo reverbera,
Desses entes a luz maravilhosa, esplendida.

E os montes de esmeralda, o luar de opala, as perolas
Do orvalho, o bosque, o lago, a celica amplidão,
Se infiltram do clarão
Dessa chamma ideal, extranhamente limpida!

VI

O Espirito do mal agora vem buscal-a...
Contra a força que traz a vontade é impotente.
Convida, attrae, fascina e vae andando, e cala,
E Giannina o acompanha allucinadamente.

E seguem-n'a, cantando, os genios da floresta...
E seguem-n'a, bailando, as fadas da lagoa.
E a multidão, subtil, das phalenas, em festa,
Quaes gottas de rubis, deante della revoa.

E Giannina acompanha, extatica, o duende,
Sem consciencia quasi, entre prazer e frágoa.
Chega á lagoa... pára... e a lagoa se fende,
E um palacio encantado ergue-se á tona d'agua.

Oh! que deslumbramento! E' o Sonho, a Maravilha!
E o palacio apparece, immenso e rutilante,
No verde da lagoa, e transparente brilha
Como um enorme e verde e rutilo diamante.

Debalde quer lutar! Mas alguem a quebranta!
Nessa lagoa sente uma attracção profunda,
Fóge e volta e vacilla e chora e treme e canta,
E nas aguas se atira, e cantando se afunda!

VII

Mezes depois, nascia ao pé da limpida
Lagoa, uma flor de oiro, nunca vista
Na planta brava de uma verbenacea.

A' noite, abelhas de crystal sugavam-lhe,
Na ancia febril de uma fugaz conquista,
Nectario mel do aurifulgente calice.

E sons de bandolins, de harpas e cytharas,
Quaes moscas de oiro, para o céo voando,
Vinham do fundo da lagoa erguendo-se,

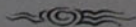
Emquanto Willis, nocturnaes, dos tumulos,
Esguias, de alvas tunicas, em bando,
Vinham dançar em torno á planta olympica.

Por isso, aquella suave flor, dizia-se
A alma em flor, de Giannina—alva açucena
Que, tambem, pela flor da verbenacea
Se tornou de Giannina—Aurea-Verbena.

VIII

Entretanto, finou-se a linda planta, um dia...
E nunca mais nasceu a flor da verbenacea!
Harpas e bandolins e cytharas calaram-se,
E foram-se do bosque os genios da magia.

E Giannina— a feudal da lenda, que inda echoa,
Dorme e vive encantada, entre flores e perolas,
N'um palacio, a luzir, de lucidas chrysolitas,
Com torres de crystaes, no fundo da lagoa...





LUX ET UMBRA

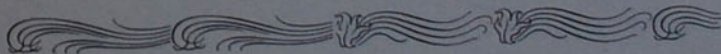
a meus irmãos

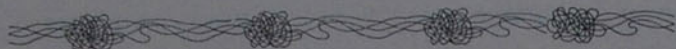
a

Heitor Guimarães

e a

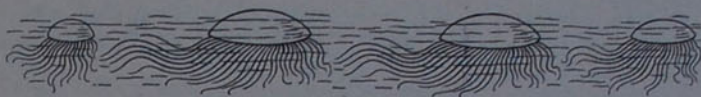
Lindolpho Gomes





À ti, mulher, em cujo olhar divino
O pensamento e os sonhos trago imersos,
À ti, astro, pharol do meu destino,
F)inha alma nestes versos.





HONTEM

(VICTOR HUGO)

(ao Major Ezequiel de Araujo)

Hontem, noite estival que sobre nós velava,
Era digna de ti, tantos astros contava!
Tão fresca em sua calma e tão doce na voz
Do Euro! Tanto a expandir extinctos rumores,
E tanto a derramar seus amorosos beijos,
Sobre as flores e nós!

Eu, deante de ti, de amor e goso cheio,
Por ver nos olhos teus tua alma em pleno enleio,
Admirava a belleza em teu rosto a luzir;
E, sem que teu pensar me houvesse revelado,
Dentro em teu peito o sonho, apenas esboçado,
Vinha ao meu se extinguir!

E eu bendizia a Deus, cuja graça esparzia
Sobre ti, sobre a noite, assim, tanta harmonia!
Deus que, para acalmar-me e fazer-me feliz,
Vos fez, a ti e a noite, esplendidas e puras,
Ambas cheias de luz, de aromas e doçuras,
Ambas meigas, gentis!

Oh! louvemos a Deus em nosso amor profundo!
A Deus que fez tua alma, a Deus que fez o mundo,
E me encanta e me obumbra! É elle que, sem véo,
Dentro em cada mysterio, á vista, se decerra!
Elle que faz luzir o teu olhar na terra,
 Como a estrella no céu!

É Deus que em tudo poz o amor—chamma celeste:
O amor que tudo aviva, o amor que tudo veste,
E a grande noite fez, que o sol mais bella... assim!
Deus que, sobre teu ser, ó Perola sem jaça,
Derramou a belleza, a flux, qual cheia taça,
 E este amor sobre mim!

Deixa-te, pois, amar! O amor, o amor é a vida!
É o que se chora e inveja, ai! quando já vencida
Nos deixa a mocidade o roseo liminar.
Elle tudo completa, exalça e aperfeiçoa.
A belleza—cil-a a fronte, o amor—eis a coroa...
 Deixa-te coroar!

O que enche os corações e as nossas almas doura,
Crê, não são, talvez, o oiro e a gloria enganadora,
—Pó, que o orgulho revel das victorias nos traz!
Nem a louca ambição que, cheia de chimera,
Não sae do exterior da mesquinhez que impera
 Neste mundo fallaz.

É preciso o hymeneo de um par de pensamentos,
Entrelaçadas mãos, protestos, juramentos,
E o beijo—este licor de olente emanação!

E tudo que um olhar em outro bebe e aspira,
E todas as canções dessa divina lyra,
Chamada coração!

Ah! nada que não tenha uma lei, um decreto,
Um abrigo, um refugio, um sitio predilecto,
Onde nos prende sempre o instincto embriagador.
Tem o barqueiro o barco, e a esperança o acompanha.
Os cysnes tem o lago, as aguias a montanha,
As almas têm o amor!





NOITE DE CHUVA

(a Nominato Couto)

Noite de chuva, noite de vento,
Envolta em sombras a Natureza...
Nem uma estrella no firmamento!
Oh! que tristeza!

No céo, na terra, nas almas — sombra.
Gemem os ventos, gemem as aguas...
Noite que aos vivos confunde e assombra,
Noite de maguas!

Abro a janella. Nada devasso...
Terra encoberta, céo encoberto.
De canto a canto, de espaço a espaço,
Tudo deserto!

Só, em meu quarto, reluto e scismo
Nesta de brumas noite maldicta.
E o pensamento, de abysmo a abysmo,
Se precipita.

Noite de trevas, noite de lucto.
E eu que no peito guardo a saudade,
Vozes sinistras, mestas, escuto
Na immensidade.

E foge a Musa divina e pura...
Ai! não me inspira ridente canto!
Noite terrível, noite de agrura,
Noite de pranto!

E vão-se os nimbos da phantasia...
Cala-se a lyra, quedam-se os plectros.
Oh! noite negra, noite sombria,
Noite de espectros!





LUX

(a Agnello Quintella)

Ó Jesus Christo, amor de minha alma, va-
lei-nos, Senhor, pelas cinco chagas que rece-
bestes por nós na cruz!

S. Francisco Xavier.

Jesus! Jesus! Jesus! Estrella de minha alma,
Tu és o doce abrigo onde procuro a calma.

Converte, ó bom Pastor, meu negro coração
Em throno de bondade, amor e rectidão!

Pharol da Humanidade, és tu a Fonte pura,
Onde bebo, sedento, extatico, a ventura.

Unigenito Filho, excelso, do Senhor!
Extende sobre mim a paz do teu amor.

Ensina-me a viver — Modelo de Bondade,
Ensina-me a viver ao sol da caridade.

E quando a negra morte os olhos meus cerrar,
Baixando sobre mim a luz de teu olhar,

Entorna-me nesta alma, ó Lyrio de Bonança!
A eterna Extrema-Unção da Bemaventurança...

E na Terra e no Mar e na Gloria e na Luz,
De joelhos clamarei — Jesus! Jesus! Jesus!





EXCELSIOR

(a Azevedo Junior)

Na brenha, no vergel, no rude tronco
Asperrimo das arvores, na gruta
Mais densa e escusa, no penedo bronco,
No infusorio, na fera hedionda e astuta;

Dos vagalhões do mar no horrivel ronco,
No murmúrio da lympha que se escuta
Como um gorgueio de aves, no destronco
Do rebento, na flor, na pedra bruta;

Do Espaço no sidereo panorama,
Nos impetos de luz que o sol derrama,
Da noite estrellejada no lampejo,

Oh! grandeza de Deus! oh! maravilha!
Em tudo o amor se accende e canta e brilha,
A tudo, a amor, purificando vejo!





MADRIGAES

(ao dr. Bernardo Arocira)

No prado ha maravilhas:
Rosas, violetas, lirios multicores,
Anemonas, magnolias e baunilhas.
Mas, todas essas flores
O olor não têm de tua carne e a amena
Fragrancia que trescala
Tua boquinha breve quando fala,
O' candida Açucena!

Ouve-se na floresta
De vozes um conjuncto, unisono, harmonioso,
Que fórma alacremenente o passaredo em festa,
Enchendo-nos de goso.
Dessa orchestra, porém, que nos captiva e enleia,
Uma só voz não canta
Com esse timbre ideal de tua voz de santa,
O' dulcida Sereia!

Bilhões de estrellas vejo
Do firmamento no ceruleo manto,

E, dellas no mirifico lampejo,
Mudo e pasmo de espanto,
Busco a luz de teus olhos. Quero vel-a...
Em vão! Não ha nem uma
Que tanto brilho, tanto, em si resuma,
O' matutina Estrella!

Do mar na profundeza
Ha nacares sem fim de fulgida estructura,
Ha perolas gentis de esplendida belleza
E angelica brancura.
E o nacar, entretanto, e a perola, acredita,
Não têm os tons fulgentes,
A eburnea candidez de teus divinos dentes,
O' Perola bemdita!

Aqui, por onde vago,
Em verdejante e flórida campina,
Um lago existe, um bonançoso lago
De face crystallina.
Posto, porém, que ás vezes, linda e pura
A face mostre em calma,
Não tem a transparencia de tua alma,
O' Fonte de Candura!





A OLAVO BILAC

Dentro de cada verso um coração palpita.
F. Lins.

Alma inspirada! alma que sonha, sente e canta
O Bem, o Amor, a Luz, a Terra, o Firmamento...
Fonte pura em que bebo a Arte perfeita e santa,
Bardo em cujas canções o espirito acalento.

Dono da lyra ideal que nos seduz e encanta,
Quando na rima de oiro enfeixa o sentimento.
Poeta que conforta, artista que levanta,
Da Terra ao Céu e além, a luz do pensamento.

Quando vibras teu estro esplendido, transportas
Aos pincares da fé as illusões já mortas,
E aos sonhos cor de rosa a mente nos incita.

Quando vibras teu estro, á Vida, á Formosura,
Dentro de cada estancia um novo sol fulgura,
Dentro de cada verso um coração palpita.





TEUS OLHOS

(a Aristarcho Paes Leme)

Só negros, negros os quero,
Que, em lhes chegando a pairão,
Si um dia disserem sim...
Nunca mais dizem que não!

Almeida Garrett.

Teus olhos negros, teus negros olhos,
Que me roubaram socego e calma,
—Fonte de dores, luz entre abrolhos,
São dois abysmos para minha alma.

São mysteriosos lagos, profundos,
Quietos, serenos, livres de escolhos.
São dois sublimes, ignotos mundos,
Teus olhos negros, teus negros olhos.

Teus lindos olhos, teus olhos pretos,
—Diamantes negros, astros divinos,
Me inspiram nenias, canções, sonetos,
Endeixas tristes, alegres hymnos.

Têm a magia, têm os encantos,
Têm a virtude dos amuletos.
Produzem maguas, trazem quebrantos
Teus lindos olhos, teus olhos pretos.

Amor sem peias, febre e loucura,
Em longo abraço tudo me astringe,
Si me transvio na noite escura
Destes teus olhos, soberba Sphynge.

Ao ver teus olhos, meu Ser não domo,
Mulher divina, Flor de candura.
Ao ver teus olhos, eu sinto o assomo
De amor sem peias, febre e loucura.





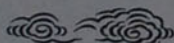
HAMLET

(SHAKESPEARE)

(a Emilio Soares)

Ser ou não ser—eis a questão...
Qual mais nobre?—a ideal resignação
Para soffrer a aguda e fina espada
Da ultrajante fortuna, ou a força armada,
Oppondo embargo ás lagrimas? Morrer,
Dormir e nada mais! Não mais soffrer,
Dormindo, o mal que a cada qual nos cabe,
—Eis todo o fim! Morrer... Dormir... Quem sabe?!
Dormir!... Talvez sonhar! Sonhar... Porém,
Que sonhos estes povoarão, além
Da vida, o somno intermino da morte!
Ah!... quem soffrêra os temporaes da sorte,
A miseria, os agravos do oppressor,
Crueis desdens, ingratidões no amor,
Desprezo, injurias, modos insolentes
Que ao genio lançam desprezíveis entes,
As lentidões da lei e todo o mal,
Si tudo finda ao gume de um punhal?
Quem não deixára o peso desta vida,

Si a duvida no Além — desconhecida
Região, ignoto paiz, de onde jamais
Voltarão ou voltaram nossos paes,
Não destruisse a vontade e não fizesse
Com que se soffra o mal que se conhece,
Com receio de um mal maior talvez ?
Assim, a natural intrepidez,
A decisão se esvae num só momento
Aos pallidos clarões do pensamento.
Assim, a mais energica e viril
Empreza perde a força varonil,
E se acobarda o espirito mais forte,
Ante a idéa terrifica da morte !





FLOR MYSTICA

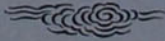
(a Alberto Carneiro)

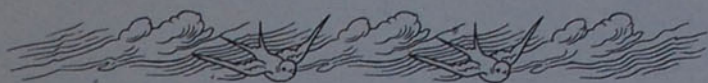
Flor mystica, flor santa, flor singella,
Essa, gentil, das flores a rainha,
E que minha alma de illusões constella,
Saibam todos: é minha, é minha, minha!

Que goso me enlevar na essencia della,
Miral-a a meu prazer, linha por linha,
Vêl-a e beijal-a... Flor fragrante e bella,
Onde um mundo de sonhos se adivinha.

Nao supponhas, porém, que esse thesoiro
Com que meu coração e labios—doiro,
De teu amor é tudo quanto baste...

Somente, a não beijar-te a bocca rubra,
Ao menos de teu beijo ideal descubra
O encanto nessa flor que me offertaste.





A DOR

(a Bento Ernesto Junior)

Dor! excelso crisol de uma alma forte,
Do timido o terror, do justo o encanto:
Para este, um goso idolatrado e santo...
Para aquelle, synonymo de morte.

Agua lustral do peccador sem norte,
Clarão nas trevas e na luz um canto!
Dor! blasphemam-te os homens, e, no emtanto,
És dos bons a benevola consorte.

O' grande Dor! meu canto de esperança,
De Deus misericordia e graça immensa,
Dadas á alma ditosa que te alcança,

Bem dita sejas com teu doce arcano,
Que, ás vezes, purifica-nos a crença
E faz um semideus de um ser humano!





PARAPHRASE DE ADELWARD

(a Silva Tavares)

Esta noite... sonhei que bebia os teus olhos,
Sedento, aos poucos, lentamente, lentamente...
Mais fortes que mortaes venenos de serpente,
Teus olhos sideraes — pharoes, astros, escolhos...
Esta noite... sonhei que bebia os teus olhos.

Sonhei que te brunia os labios de oiro, como
A um cofre de oiro fosco ou vermelho adereço
Contendo esse primor de Sèvres, o aureo pomo
Do nosso amor ideal, do nosso amor travesso.

Sonhei que te mordia o coração de lava,
— Paladar á verbena, odor a cinnamomo,
E teu sangue, em furor, espumando, esguichava
Como um rio de luz ou rubís em chuveiro,
Inundando a minha alma, a terra, o mundo inteiro.

E é por ser a minha alma a tua eterna escrava,
Minha alma que por ti vive, palpita e sofre,
E abençoa da vida os hispidos abrolhos,
Que, esta noite, sonhei que bebia os teus olhos,
Sonhei que te brunia os lábios como a um cofre,
Sonhei que te mordia o coração de lava!





SERENATA

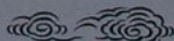
(a Raul Carneiro)

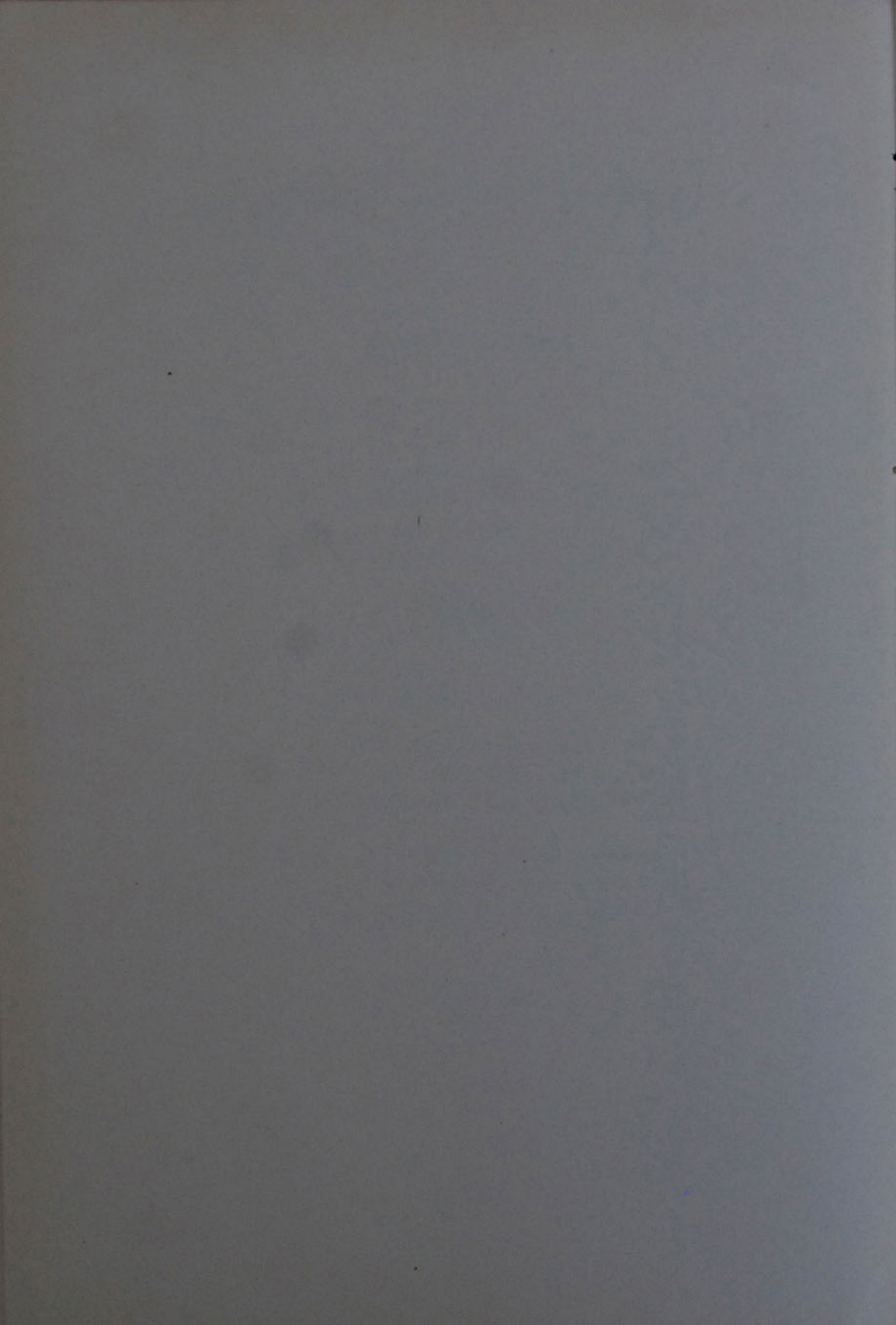
Flautas, violões e bandolins na rua
Trillam dolente solfa, em serenata...
E, tremulo no espaço, o luar fluctua,
Banhando a terra em vibrações de prata.

E ante a serena pallidez da lua
E a musica divina que arrebatá,
Não ha quem, a sonhar, não sintá e frua
Uma doce emoção, ignota e grata.

Tambem meu coração agora vibra
Tange ao luar da tristeza, fibra a fibra,
De uma rude saudade a etherea corda...

E quando a flauta expede a nota extrema,
De minha vida o turbido poema,
Em harpejos de angustia elle recorda.







RECEITA PARA FAZER UM NINHO

(TRADUÇÃO)

(ao dr. Guedes da Costa)

Para fazer um ninho é necessario um galho,
E mais da primavera a dulcida assistencia!
É preciso de dois o concurso, o trabalho,
E é necessario tempo, esforço, persistencia
E paciencia.

Para um ninho é preciso a pennugem mais branda,
Ou de macio musgo entrançados raminhos!
É preciso que o amor dentro delle se expanda,
Porquanto sei que o amor é que põe os pintainhos
Pelos ninhos.

Para um ninho seguro, onde a ventura cante,
É necessario ainda um passaro expedito,
Passaro juvenil de coração amante,
Alegre, forte, bravo, ardente, favorito...
Eis o dito.

Para um ninho é preciso uma bella avesita,
Carinhosa e gentil, de olhar vivo e amoroso!
—Si quizerdes, nós dois podemos, senhorita,
Um ninho assim fazer para o nosso repouso
venturoso.





TITANIA

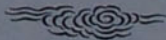
(ao dr. Josino de Araujo)

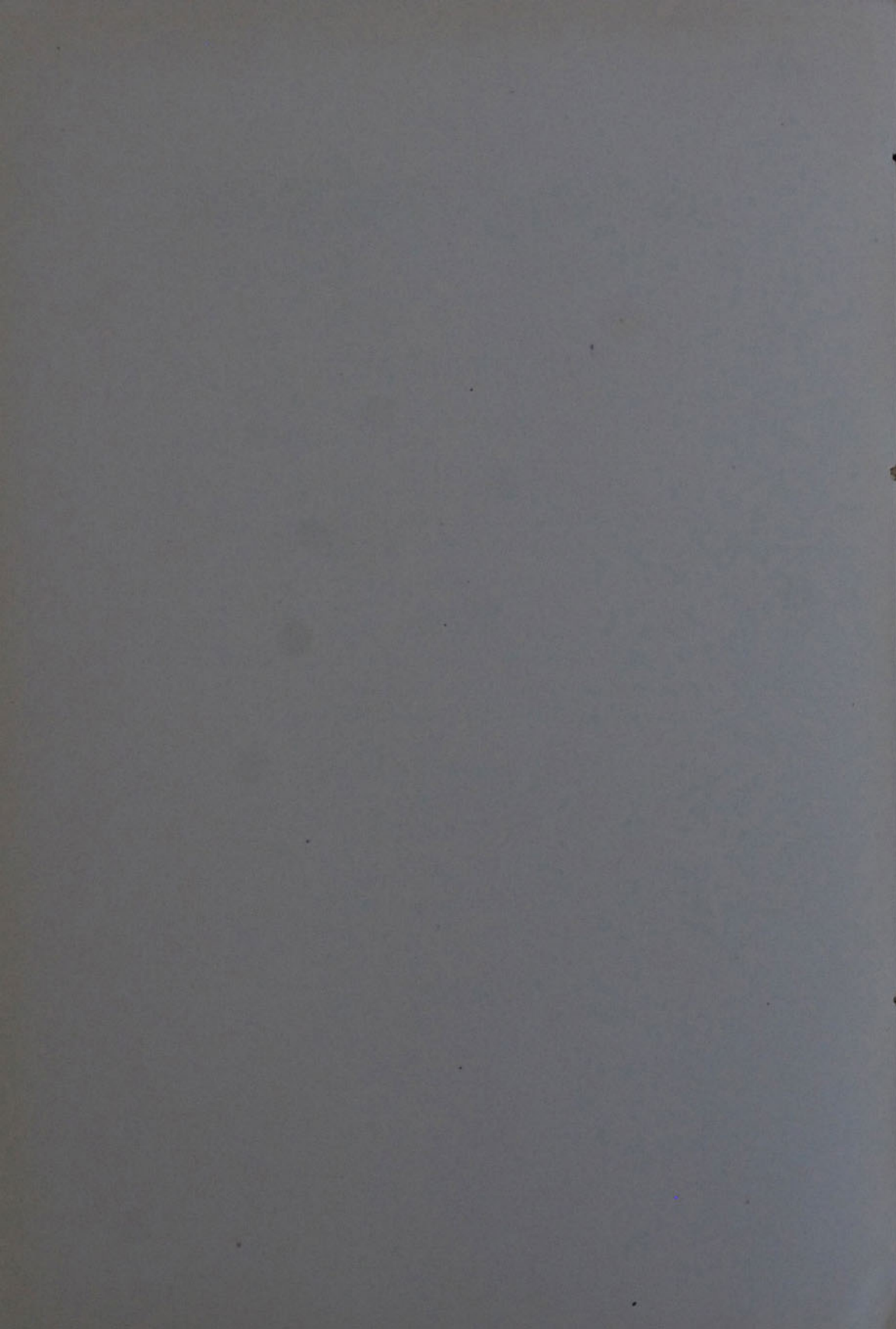
Olha-me bem, que a teu olhar confio
Toda minha alma! A teu olhar ennaastro
De roseos sonhos meu viver sombrio!
Por teu olhar... eis-me a teus pés de rastro!

Desprende a cabelleira e, qual um rio
De ondas e espumas de oiro, que encho e alastro
De beijos, deixa a trança, fio a fio,
Toda inundar-te o collo de alabastro.

Olha-me bem! Desprende a cabelleira!
Deixa correr a trança feiticeira
Por esse corpo delicado e joven.

E assim parece que, na formosura
De tua carné em flor, divina e pura,
Chammas de luz e raios de oiro chovem!







MENINA E MOÇA

(a Bruno von Sydow)

Menina e moça, o mimo que descrevo
Nestas estrophes que burilo e escôdo.
Tem nove annos apenas e, no todo,
E' pubere mulher posta em relevo.

Os seus cabellos—uma chuva de oiro,
Dão-lhe a apparencia e graça de uma Ondina.
Nem sei que diga mais, que mais defina
Essa flor, esse encanto, esse thesoiro.

Menina e moça, que me apura e aviva
A luz da inspiração neste momento.
Menina, pela idade e sentimento,
Moça, pela feição meditativa.

Menina e moça... Alveja-lhe no rosto
A candidez das virgens da Allemanha.
E a sua voz, de uma harmonia extranha,
Lembra um nocturno em mi bemol composto.

O olhar? o olhar... é certo, até parece
O espelho de uma luz de estranho mundo.
Deante desse olhar terno e profundo,
De joelhos compungido ergo uma prece.

Não sei que diga mais, que mais profira:
Até no proprio nome ella é celeste...
Musa! para pintal-a és muito agreste!
Queda-te, envergonhada, ó minha lyra!





COFRE DE OIRO

(a Estevam de Oliveira)

Tentei fazer um cofre, um resplendente
Mimo de alto valor,
Onde guardar pudesse, eternamente,
Teu grande e puro amor.

Corri todo o universo: a terra, o oceano,
A celica amplidão.
E a terra e o mar e o céu — desejo insano!
Corri, ancioso, em vão.

Cancei-me pelos bosques e campinas,
Em busca de uma flor.
E as flores todas foram pequeninas
Para tão grande amor.

Assim, de norte a sul, corro, esquadrinho
Toda a imensa extensão
Da terra... E tudo, sordido e mesquinho
Para tão grande acção.

Corto as ondas do mar. No salso imperio
Me abysmo sem temor,
Em procura de um mimo ideal, ethereo,
Para teu grande amor.

Trago coraes e perolas de rara
E fulgida attracção.
Mas perolas, coraes, não bastam para
Tão limpida affeição.

Ascendo ao espaço. Busco a estrella de oiro
De mais vivo fulgor.
Todavia, não basta esse thesoiro
Para tão grande amor.

Vou mais longe. Percorro, quasi louco,
Os mundos da illusão.
E só desillusões... E, pouco e pouco,
Os sonhos lá se vão.

E novos sóes e novos céos demandando,
De mais bello esplendor.
Mas em vão novos mundos vou galgando
Em prol de teu amor.

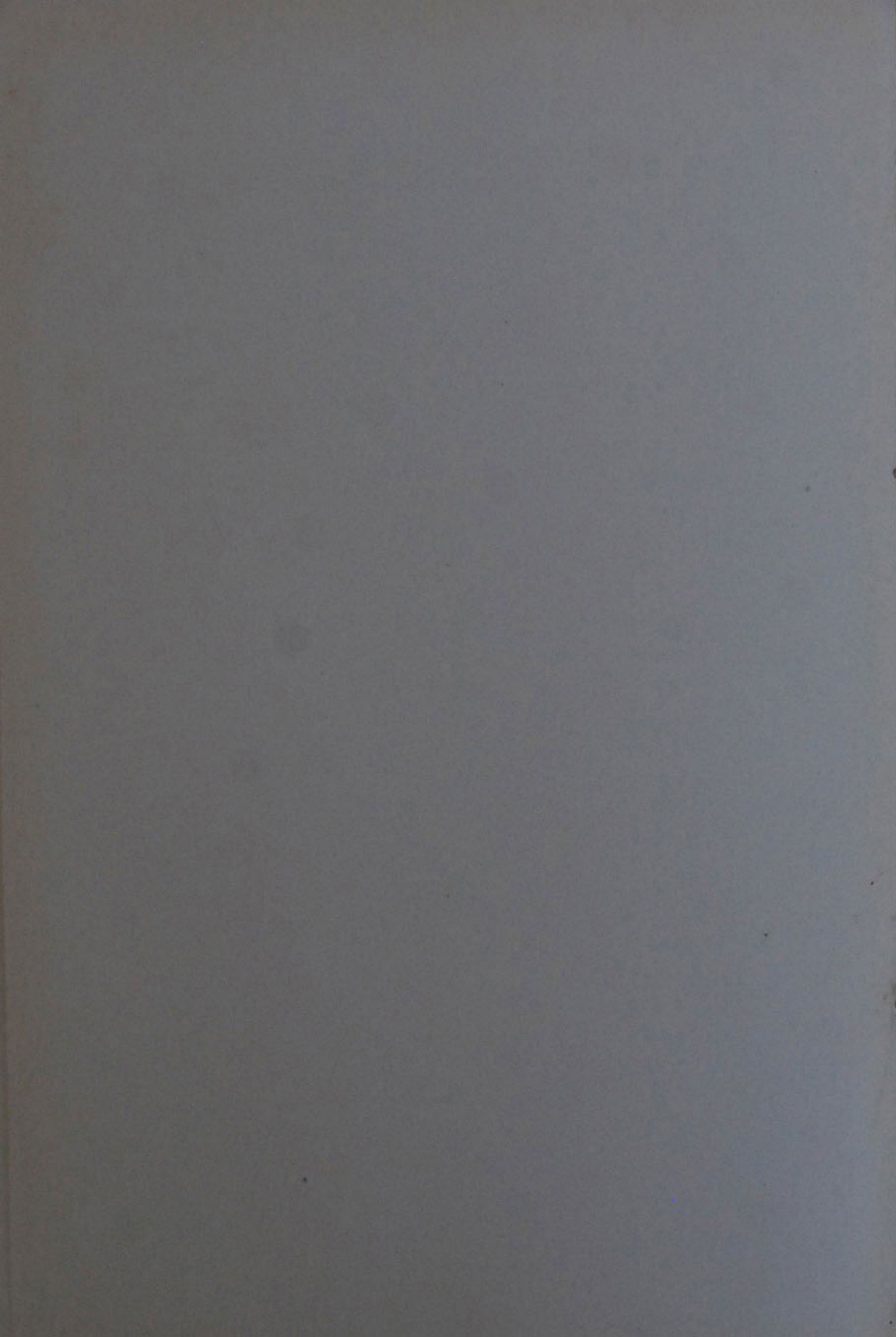
Em vão, rompendo a luz, scindindo o espaço
De região em região,
Duas e tres e quatro vezes faço
Tão penosa ascensão.

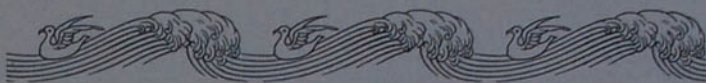
.....

Ah! corri do universo toda a face,
Sempre com o mesmo ardor,
E não achei um cofre em que guardasse
Teu amor, teu amor!

Corri... no entanto, após, de lado a lado,
Corrido haver todo o universo, em vão,
Eis que descubro o cofre desejado
— Meu proprio coração!







MISS PERFECTION

(a Oscar Peres)

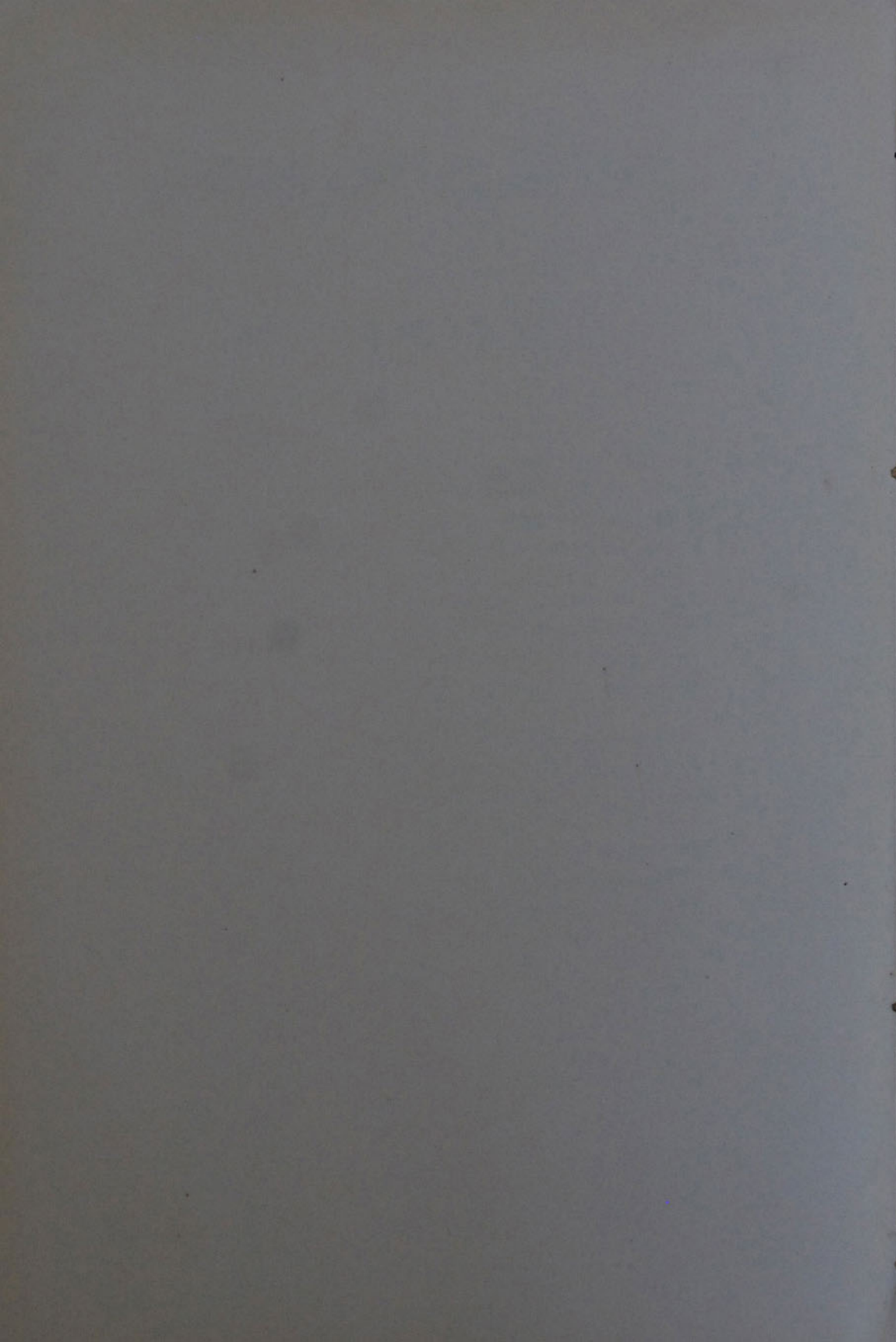
Em teu corpo ideal, que os olhos me recreia,
Tenho um thesoiro, e tenho um mundo na divina
Fonte do meu amor—tua alma que me enleia.
E em teu corpo e tua alma—o sol que me illumina.

Eis o thesoiro: a bocca, os olhos... Bocca cheia
De aljofares gentis. Olhos—custosa mina
De esmeraldas. As mãos, formando alva cadeia
De opala. O coração—brilhante que fascina.

Os labios—dois rubis. O pescoço desnudo...
—Um mimo de alabastro. A trança—oiro e velludo:
Oiro na côr, velludo—o aspecto no toucado.

E, dentro de teu corpo, um mundo de esplendores:
—Tua alma, campo verde, esmaltado de flores...
Tua alma, céu azul de estrellas cravejado!







CANÇÃO CINZENTA

(LOUIS MARSOLLEAU)

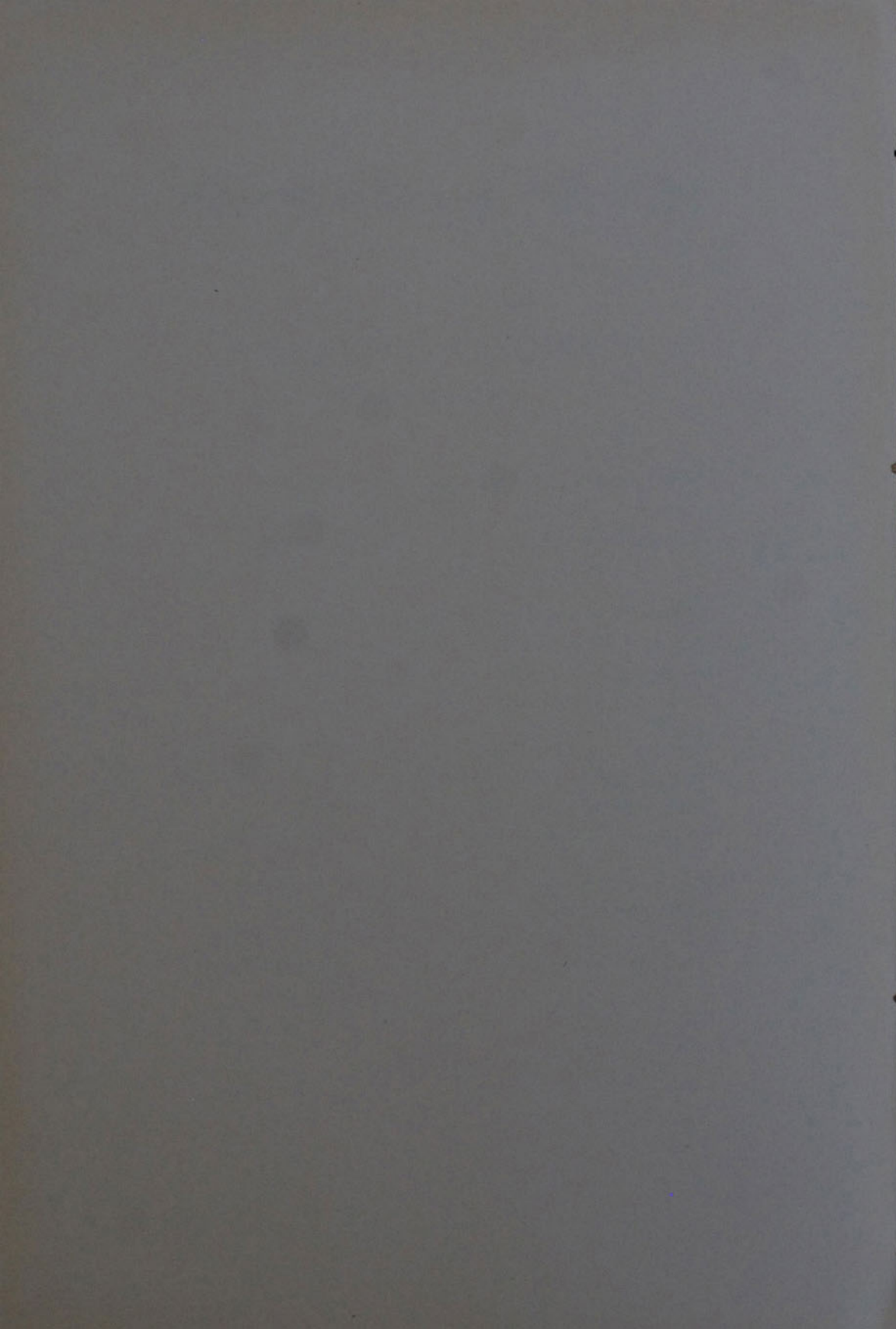
(a)

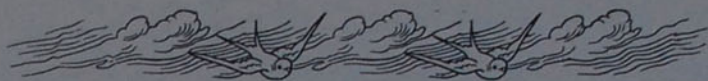
Terra cinzenta, céu cinzento, alma cinzenta,
Cinzento o coração... Qual coração de chumbo,
Pesa medonhamente. Ando exausto, succumbo
Sob o poder de um negro olhar que me atormenta.

Victima de um olhar perverso, impassivo,
Com que Ella esbofeteou as minhas faces, todo
Mergulhadô no Tédio — um pantano de lodo —
Eu vivo e hei de viver sem saber porque vivo.

Padeço... A chuva cae. Que frio! Em triste carne
Plangem sinos distante, ao longe, ao longe... Emtanto,
Quero gosar, sentir, viver nalgum recanto,
Em que Ella possa, livre, amar-me e consolar-me.

Mas... impossivel, ai! O céu — capuz de monge —
Abafa-me, atordoa, afflige e punge e aterra.
Ha cinzas em meu peito, ha cinzas sobre a terra!
Oh! sinos que choraes, distante, ao longe, ao longe...





TRINDADE

(a Felix Schmidt)

Ella, candura e bondade,
Cheia de graça e belleza...
Em si condensa a trindade
Mais bella da Natureza:

É flor. E das flores rosa,
Pela fineza das côres,
Que tingem a tez mimosa
E fina, da flor das flores.

É luz. A's vezes que passa
Por perto de mim, ao vê-la,
— Eis o symbolo da Graça
Como si fôra uma Estrella.

É perfume. Espira, fala
A dona dos labios tyrios...
Oh! como toda trescala
O doce aroma dos lirios!

Alma e goso de um poeta,
Ella em si toda resume:
É a synthese mais completa
Da luz, da flor, do perfume.





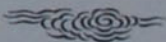
A ROSA E O TUMULO

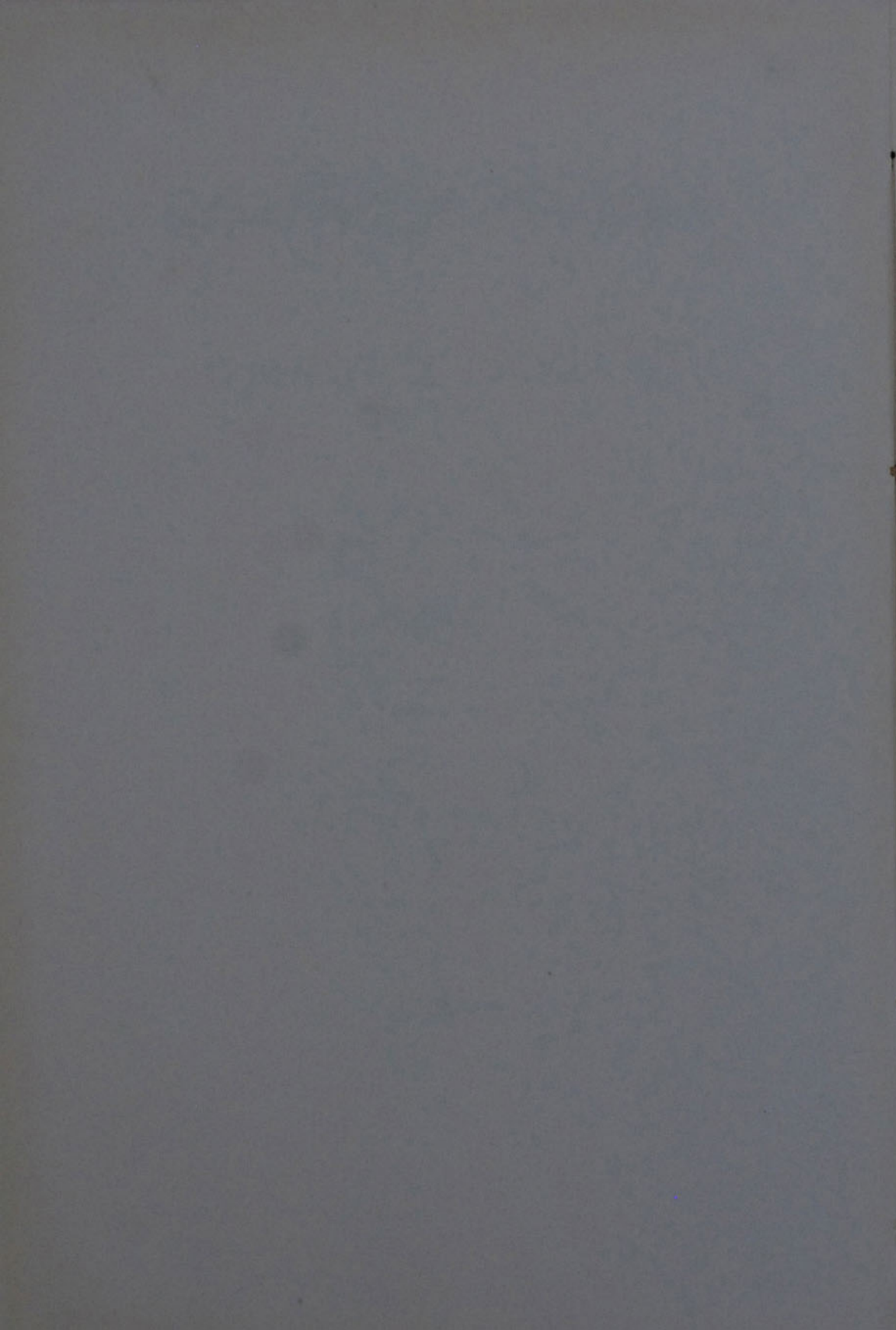
(VICTOR HUGO)

(ao dr. Christovam Malta)

A' rosa interroga o tumulo:
— Que fazes tu, linda rosa,
Do pranto que Alva formosa
Vejo em teu seio aspergir?
Diz a flor ao negro Envolvero:
— E tu, que fazes daquelle,
Que vae, si a vida o repelle,
Em teu barathro cahir?

— Na sombra, da aurora as perolas,
Que dentro do seio guardo,
Transformo em fragrancia e nardo...
Responde a mimosa flor.
Diz a tumba: — O' flor celigena,
Pois neste meu seio horrendo
As almas vou convertendo
Em seraphins do Senhor!







ORGIA NO CEREBRO

(a Azevedo Junior)

Noite... noite fatal!

Tarde, a sós, em meu quarto,
Triste, insomne, febril, desalentado, farto
De supportar o Tédio, a Magua, a Desventura,
Lucto, em vão, contra a Dor que o peito me tortura.
Minha cabeça, tonta, é qual uma sombria
Taverna, onde se dão longas scenas de orgia,
Romanas bacchanaes de embriaguez sedenta,
Revolto borbulhar de panica tormenta.
Phantasmas e visões, vejo-os todos em bando
Nos luridos covis do cerebro bailando.
E, fóra, pelo espaço, andam vultos perdidos,
Em vasta confusão de prantos e gemidos.

Noite, noite fatal! Noite funesta, hedionda,
Em que sobre minha alma a desventura ronda,
E, em meu craneo febril, cada qual mais sombria,
Vão surgindo as visões para a medonha orgia.

I

Eil-os que vêm chegando... Este, de macilento
Aspecto e o olhar sem vida, é o frio Desalento.

De alto a baixo lhe envolve uma bronzea mortalha
Que, só pela apparencia, o desanimo espalha.
Das visões a primeira, este phantasma evoca
E attrae outras visões, que, para a funda toca
Do craneo, vêm a pouco e pouco, uma por uma
Apparecendo, até que o bando se avoluma.
Os gestos frios, frio o corpo, as mãos de gelo,
Esta esguia visão me causa um pesadelo
Horriavel, um torpor lethargico, uma extranha
Dormencia... Passo a passo, o Marasmo o acompanha.
O monstro chega, o olhar estende, e, em breve, sinto
Que do craneo devassa o immenso labyrintho.

II

A segunda visão — terrivel sombra! Occulto
Num manto côr de cinza, eis que surge seu vulto
Num recesso do craneo — a Duvida. Não fala,
Chega em silencio, escuta, espreita e, pela sala
Do cerebro, começa a vagar lentamente,
Passo a passo, infectando, a pouco e pouco, o ambiente.
Em menos de um segundo, este espectro sataneo
Corre, de extremo a extremo, os intimos do craneo,
E, graças ao poder do seu olhar agudo,
Tudo vae devassando e vae vencendo tudo.

III

Eis que surge, ai que horror! outro vulto mais triste.
Vem trajado de roxo, e nada lhe resiste
Ao maligno contacto! É grande, atroz, immensa,
A attracção que elle tem — o phantasma Descrença.

Debaixo do burel, traz o alforge vasio
De sonhos e illusões. Causa-nos calafrio
E febre, seu olhar gelido, semi-morto,
Para quem busca em Deus um tepido conforto.
Nas entranhas conserva um desejo profundo
De dominar o Amor e subjugar o Mundo.
E muitos corações têm-se feito em pedaços
No rigido vigor dos seus herculeos braços.

IV

Outra sombra — o Dilirio. Envolto em multicores
Traços, conduz comsigo os lugubres horrores,
O denso turbilhão, a turbida desordem
De idéas infernaes que o cerebro nos mordem.
Com seus olhos de fogo, em vez da luz que enleva
O espirito, produz, por onde passa, a treva.
A sua comitiva é taciturna e vasta...
Comsigo arrasta a febre e o desespero arrasta.
Satanico, revel, do seu manto nas dobras,
Esta louca visão como perversas cobras,
Traz um bando cruel de informes e medonhos
Seres, quaes a loucura, o suicidio, os maus sonhos.
Assim chega, e, ao chegar, dentro de nós se cruza
De demonios a malta assombrosa e confusa.

V

E este, que vejo agora assim, todo de preto,
No manto tenebroso e lobrego do Hamleto?
Pavorosa visão, pavoroso duende,
Que, com sinistro olhar, tudo subjuga e prende.

Traz consigo esta furia, um veneno tão forte,
Que, por onde ella passa, a destruição, a morte
Muita vez tambem passa. Eil-a que chega, a sombra...
— É o Desespero! Tudo assola e tudo assombra.
Pavorosa visão, pavoroso phantasma,
Que, á luz do seu olhar, a alma se humilha e pasma.

VI

E, assim, por entre a Dor, as Coleras e os torvos
Pensamentos sem fim, qual um bando de corvos
Famintos, de uma em uma, as visões vêm correndo,
Vêm surgindo as visões para o can-can tremendo,
No abysmo de meu craneo — esta funda e sombria
Taverna, onde se dão longas scenas de orgia.

I

A orgia... Um canto de agouro
O Desalento modúla
E o bando todo entra em côro,
E a festa açula.

Sólta e demente, do cerebro
Por todo o vasto salão,
Em alta voz, canta a Duvida
Velha canção.

Harmonizando a garganta
Naquella bulha infinita,
A Descrença a voz levanta
E augmenta a grita.

Dentre o bando horrivel, tetrico,
O Delirio faz ouvir

Canção revoltante e blásphema
Contra o porvir.

Na orgia, ás vezes, se enlaçam
Os phantasmas, que, entre apodos,
Por meu cerebro perpassam,
Medonhos todos.

Ora, em ginga, a sombra gelida
Do Desalento, de par
Com o triste espectro da Duvida,
Põe-se a dançar.

Ora, são todos no samba,
Na macabra dança impura,
Em que o espirito descamba
Para a loucura.

O olhar em raiva, terrífico,
O Desespero, afinal,
Entra de chofre, na indomita
Dança infernal.

E, cada vez mais, a dança
Ferve, avulta, rodopia!
Lá dentro ninguem descança...
Medonha orgia!

.....

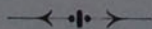
I

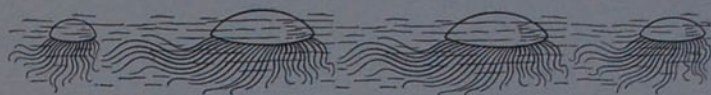
Eis que rompe a manhã. No extremo do horizonte,
Doirando o céu, doirando o campo, o valle e o monte,
Um clarão vem crescendo: — é o rutilo arrebol,
Que determina o dia e determina o sol.
Brilha por tudo a vida. Alegre, o passaredo

Canta, e, cantando, vae de arvoredo a arvoredo.
Ideaes irmãos da luz, passam, voando, gentis
Borboletas de azul, bandos de colibris.
De momento a momento, uma leve bafagem
A' verdura acalenta e reanima a paysagem.
Abelhas e vespões, em bando zumbidor,
Andam, livres, sugando o mel, de flor em flor.
Córa-se a madrugada. O dia vem surgindo
Debaixo de um rumor maravilhoso, infindo...
E dentre essa algazarra, essa alegria sã
Dos passaros, da briza, e o orvalho da manhã,
Sinto inundar-me o Ser suavissima dormencia
Que os nervos me penetra, enchendo-me a existencia.

II

E, logo, uma visão celeste para mim
O olhar baixando, vem... É toda um cherubim
Vestido de oiro e rosa, a descender da esphera
Azul, tendo o esplendor do sol da primavera.
Chega, e tudo se muda ao ver-lhe, na mudez
Do olhar, junctos, o ardor, a calma e a candidez,
Ferindo os corações e cobrindo de encanto
O sorriso que, á flor dos labios, rompe, e o pranto
Que brota em borbotões no peito. É o santo Ideal
De todas as visões. Seu porte magistral
Seduz-me. Seu olhar de fogo me inebria...
E dentro de meu craneo, em vez da negra orgia,
Pela primeira vez em todo o resplendor
—Irrompe em chammas de oiro a luz do grande Amor!





DESALENTO

(a J. Brant)

Viver! Que insípidez a vida! Outubro passa
E Novembro e Dezembro e Janeiro e, ó desgraça!

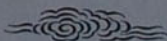
Torna a chegar Dezembro e volta outro Janeiro,
E sempre o mesmo desconforto e este agoireiro

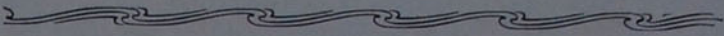
Cantar de desalento: — a morte... a morte... a morte...
Ai! que eterno soffrer! Quem ha que tal suporte?

Minha alma é côr de cinza — uma tristeza immensa!
Nem dor, nem paz, nem fim, nem ar, nem luz, nem crença!

Cadaver — minha Vida! A Tristeza — athaude!
Mortalha — a Terra. E o Céu — campa infinita e rude.

O' Céu!... O' Terra!... O' Vida!... O' Magna!... O' Sofrimento!...
Ai! Desalento! ai Desalento! ai Desalento!





QUATRO POESIAS SYMBOLISTAS

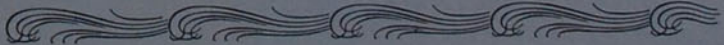
ao

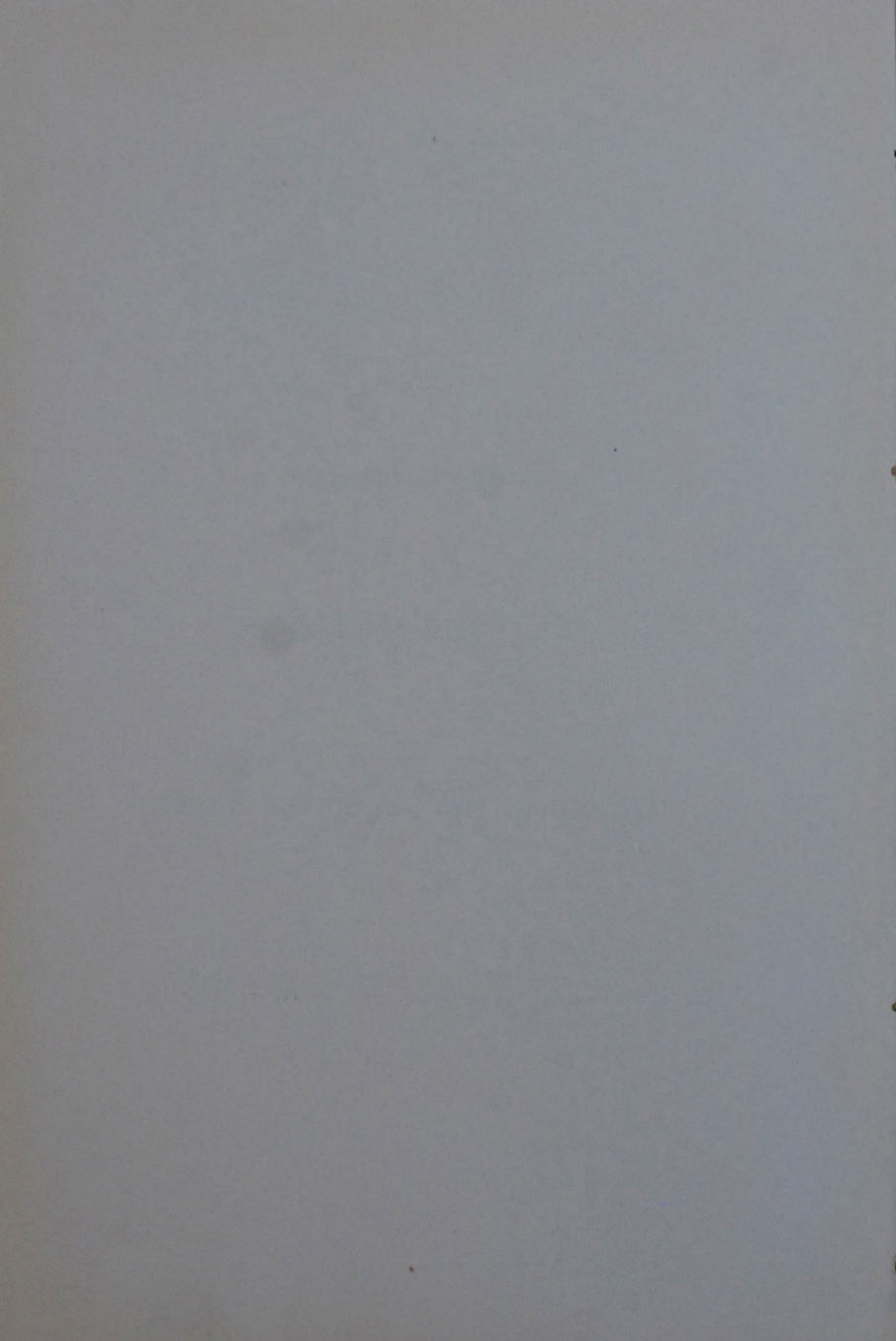
Dr. Eloy de Araujo

Dr. Pinto de Moura

e á

Memoria de Oscar da Gama.







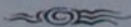
CANÇÃO DO OUTOMNO

(PAUL VERLAINE)

Pelos gemidos
Dos doloridos
Violões do outomno,
Fere-me a calma
Do tédio da alma
E do abandono.

Ai! suffocando
Minha alma, quando
A hora soa,
Eu, desolado,
Lembro o passado,
E o pranto eschoa.

E, ao mau intento
Sigo do vento,
Que me transporta
De frança em frança,
A' semelhança
De folha morta.





VOGAES

(ARTHUR RIMBAUD)

A negro, E branco, I rubro, U verde, O azul, vogaes,
Um dia dir-vos-ei as origens latentes.

A — collete felpudo e negro, de luzentes
Moscas, zumbindo em torno ás podridões fataes.

Golphos de Umbra; E—livor de effluvio e tendas reaes,
Lanças frias, tremer de sombrinhas, albentes
Reis; I — purpura, escarro em sangue, risos quentes
De labios pulchros, na Ira ou em santas bacchanaes.

U — cyclos, vibrações de um verde mar longinquo,
Paz das almargens de animaes, e paz do vinco
Que a alchimia na frente aos estudiosos faz.

O — supremo clarim de estridores profundos,
Silencios pelos quaes passam anjos e mundos,
O Omega, do seu olhar—clarão lilaz.





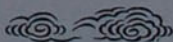
SONETO DE UM LOUCO

Dó—negro, Ré—azul, Mi—branco, Fá—cinzento,
Sol—rubro, Lá—violeta e Si—verde garrafa.
Dó—grosseiro cavour que ao coração abafa,
Ré—mysterioso mar, mostrando o firmamento.

Mi—Flamma tumular de cyrios de convento,
Fá—nevoeiro sem fim, sobre as tendas, em Jaffa,
De Bonaparte; Sol—intermina Tarrafa
Onde este Leviathan se prende—o Pensamento.

Lá—Mysterios de vida, e vidas de Sepulchro,
E Mar e Céu e Luz e Treva e Sonho e Fulcro
Mysterioso da Idéa, e Incenso e Culto e Rito.

Si—côr de verde, som de verde em verde chroma...
Cheiro de verde e Luz de verde—Luz e Aroma:
—Verde verdor de seu olhar verde, infinito!...





TUMULO DE EDGARD PÖE

(STÉPHANE MALARMÉ)

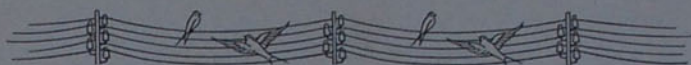
Qual fôra a Eternidade emfim no bronze o grava
Levanta acorda o poeta assim gladio despido
O Seculo em pavor por não ter percebido
Que em sua voz extranha a Morte retumbava

Elles qual hydra em susto ouvindo o anjo que dava
A's palavras da tribu o mais puro sentido
Proclamaram bem alto é feitiço bebido
Na onda sem pundonor de uma mistura prava

Da Terra e Céu hostis da Terra e Céu ó Crime
Si a Idéa não consegue em relevo a Legenda
Que de Pöe o sepulchro esplendido sublime

Rocha vinda talvez de um cataclysmo obscuro
Que ao menos o granito o seu limite extenda
A's azas da Blasphemia esparsas no futuro





NOTA

Aqui transcrevo em francez o soneto de Malarmé, com a respectiva explicação de Jules Lemaitre, aproveitando o ensejo para fazer notar que muito propositalmente traduzo, nas poesias — CANÇÕES DO OUTOMNO e HARMONIAS DE BEAUGUITTE, VIOLONS por violões, e que desloco o accento de muitos alexandrinos para a quarta, oitava e duodecima syllabas, a exemplo de Verlaine, Rimbaud, Antonio Nobre, Severiano de Rezende, Alphonsus de Vimaraens e tantos outros.

Eis o soneto:

Tel qu'en Lui-même enfin l'éternité le change
Le poète suscite avec un glaive nu
Son siècle épouvanté de n'avoir pas connu
Que la mort triomphait dans cette voix étrange

Eux comme un vil sursaut d'hydre oyant jadis l'ange
Donner un sens plus pur aux mots de la tribu
Proclamèrent très haut le sortilège bu
Dans le flot sans honneur de quelque noir mélange

Du sol et de la nue hostiles ô grief
Si notre idée avec ne sculpte un bas-relief
Dont la tombe de Pœe éblouissante s'orne

Calme bloc ici-bas chu d'un désastre obscur
Que ce granit du moins montre à jamais sa borne
Aux noirs vols du Blasphème épars dans le futur

Este soneto, como se vê, não tem pontuação alguma, e, para comprehendel-o bem, é preciso, antes de tudo, por entre os versos que o compõem, distribuir alguns pontos e virgulas. O autor dos *Contemporaneos* acha que se deve collocar uma virgula depois de *change*, um ponto depois de *étrange*, uma virgula depois de *eux*, uma depois de *tribu*, um ponto depois de *melange*, um ponto de admiração depois de *grief*, uma virgula depois de *s'orne*, uma depois de *obscur*, e, enfim, um ponto final.

Depois de ter aconselhado essa pontuação, aquelle escriptor passa para prosa o soneto, procurando explical-o assim:

„Reduzido verdadeiramente a si proprio, tal como a eternidade nol-o apresenta, o poeta, com o brilho de um sabre desembainhado, accorda e adverte o seculo, surprezo de não ter percebido que a sua voz extranha era a grande voz da Morte (ou que ninguem, melhor do que elle, disse as cousas da Morte).

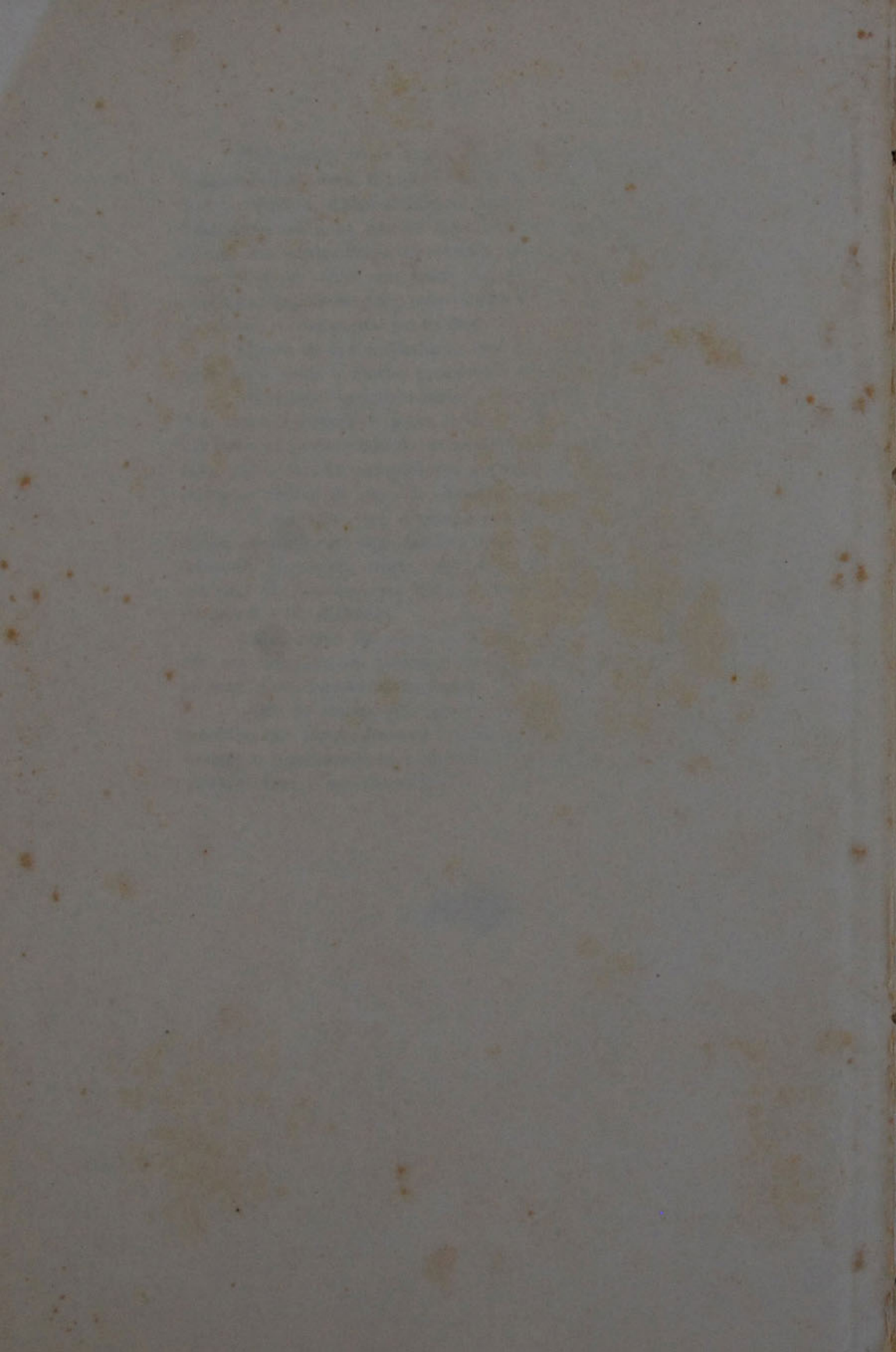
„A multidão, que, a princípio ficára sobresaltada qual uma hydra, ouvindo esse anjo dar um sentido novo e mais puro ás palavras da linguagem vulgar, proclamou em alta voz que o sortilegio que elle nos lançava, tinha-o buscado na ignobil embriaguez do alcool e do absinthio.

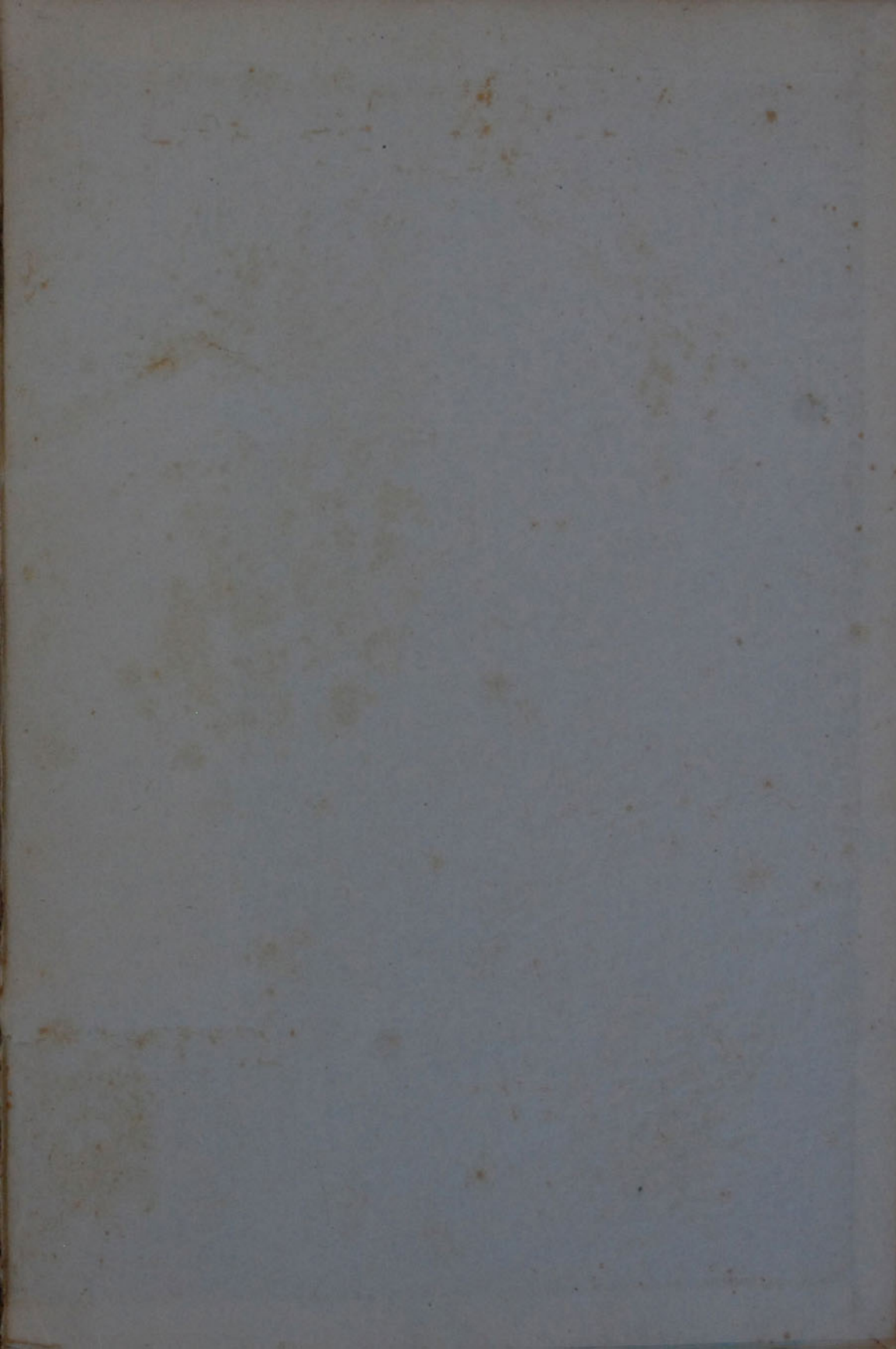
„Ah! crime da terra e do céu! Si, com as imagens que elle nos suggeriu, não podemos esculpir um baixo-relevo com que se orne o seu tumulo deslumbrante,

„Que ao menos este granito, calmo blóco, semelhante ao aerolitho que algum desastre mysterioso lançou por sobre a terra, indique o logar aonde as blasphemias futuras dos inimigos do poeta virão quebrar o seu vôo negro.“











1905